POLÍTICAS PÚBLICAS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL PELO FAZER MUSICAL

Public Policies for economic and social development through music-making

Políticas Públicas para el desarrollo económico y social a través de la Música

Jorge Leal da Silva[1]

RESUMO

A Grande Missa em Dó Menor de Mozart não é mais a trilha sonora cristã a seduzir as emoções espirituais em clamor a um mundo melhor. As letras de canções gospel cumprem atualizado papel nesse clamor. O objetivo foi analisar o comportamento de apropriação desse *mundo melhor* assumida pelos neopentecostais no contexto dos afazeres do Estado brasileiro quando da construção de políticas públicas. A análise é intercontinental e fundamentada nos *Critical Discourse Studies*. O conceito de seduções musicais de Antônio Manzatto foi operado com ilustrações inscritas em três vídeos clipes gospel e em suporte a materiais tratados pela textualidade e interdiscursividade das letras de canções. O gênero musical demonstrou haver lógica maior de funcionamento ideacional dos neopentecostais entre 2010 e 2010, havendo nos resultados relações com o enquadramento conceitual sobre grupos religiosos protestantes de Gøsta Esping-Andersen revisitado por Philip Manow.

Palavras-chave: política pública, pentecostalismo, intercontinental, discursos, gospel

ABSTRACT

Mozart's Great Mass in C Minor is no longer the Christian soundtrack to seduce spiritual emotions into crying out for a better world. The lyrics of gospel songs play an updated role in this cry. The aim was to analyze the neo-Pentecostals' appropriation of this *better world* in the context of the Brazilian state's work in building public policies. The analysis is intercontinental and based on *Critical Discourse Studies*. Antônio Manzatto's concept of musical seductions was used with illustrations in three gospel video clips and in support of materials treated by the textuality and interdiscursiveness of song lyrics. The musical genre showed that there was a greater logic to the ideational functioning of neo-Pentecostals between 2010 and 2010, and the results show a relationship with Gøsta Esping-Andersen's conceptual framework on Protestant religious groups, revisited by Philip Manow.

[1] Pós-doutoramento em Administração (2024/2205), PhD. in Public Administration and Government (FGV/EAESP, Brazil) e líder do Grupo de Pesquisa Ideas, Discourses and Management (IDM), Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS, Brasil). Email: jorge.ls@unitins.br

No prelo

Keywords: public policy, pentecostalism, intercontinental, discourses, gospel

RESUMEN

La Gran Misa en do menor de Mozart ya no es la banda sonora cristiana que seduce las emociones espirituales para clamar por un mundo mejor. Las letras de las canciones evangélicas desempeñan un papel actualizado en este clamor. El objetivo era analizar la apropiación de este *mundo* mejor por parte de los neopentecostales en el contexto de la labor del Estado brasileño en la construcción de políticas públicas. El análisis es intercontinental y se basa en *los Estudios Críticos del Discurso*. Se utilizó el concepto de seducciones musicales de Antônio Manzatto con ilustraciones en tres videoclips de gospel y en apoyo de materiales tratados por la textualidad e interdiscursividad de las letras de las canciones. El género musical mostró que había una mayor lógica en el funcionamiento ideacional de los neopentecostales entre 2010 y 2010, y los resultados muestran una relación con el marco conceptual de Gøsta Esping-Andersen sobre los grupos religiosos protestantes, revisitado por Philip Manow.

***Palabras clave*:** política pública, pentecostalismo, intercontinental, discursos, evangelio

INTRODUÇÃO

O liberalismo e a cristandade pentecostal firmaram casamento, aos moldes de uma *encíclica*, com o capitalismo desde as noventa e cinco teses de Lutero em 1517 (Martin, 1978). E a renovação dos votos desse casamento é tão cotidiana que ainda se vê aferível quando da publicação desta pesquisa. O exemplo da postura texana conservadora e religiosa é dada por Brockman (2021, p.1) quando ele afirma que grupos pentecostais questionaram "a gravidade da pandemia e atacaram medidas de precaução como excesso de alcance do governo e ataques à liberdade pessoal". Se por um lado pouco se sabe sobre como os pentecostais deram espaço para os neopentecostais concretizarem seus desejos comportamentais (com forte apelo à liberdade), por outro, é sobre os interesses materiais frente ao paradoxo pós-lutero de orar para ganhar o reino de Deus ou viver a abundância da vida material frente à pobreza da América Latina e conflitos religiosos na Ásia, especialmente em Jerusalém (Heidenheimer, 1983), que novos olhares a esse grupo são possíveis pela via da sua atuação no *public policy*. Como já nos alertou Max Weber em *A ética protestante e Espírito do Capitalismo*, a verdade é que coexiste a pobreza e as suas interferências para uma fluída vida espirituosa calma e

No prelo

alegre (Ringer, 2000). A busca pelo equilíbrio dos corpos físico, espiritual e mental sempre foram buscas universais, intensificadas pela massificação do que chamo de pacotes de ideias para o bem estar social (Kersbergen, 1995). Que não começam a se formar no todo ou no grupo, mas no indivíduo. Para além das teologias encomendadas, como a da prosperidade e a da libertação do espírito, a contação dessa história é musicalizada e repleta de neologismos que constroem o eu merecedor da abundância material e que está inserido na busca por esse equilíbrio de corpos. Argumento que essa busca não está isolada de influências maiores da religião tampouco isenta de propagar ideologias que ignoram as ontologias outras, tópico que não deve se apartar do processo de formulação das políticas públicas de desenvolvimento econômico e social (Pavolini, Béland & Jawad, 2017). Formular políticas públicas eficazes envolve antes o exercício de compreensão das necessidades do seu público alvo tal como suas dificuldades de acessos aos serviços e a sua permanência de uso para a devida manutenção da vida (Fischer, 2003; Baumgartner & Jones, 1991). Quer na área da educação (Segatto, Alves & Pineda, 2022) ou da saúde (Toniol, 2022), a espiritualidade cristã está longe de ser prática apartada dos negócios do Estado, mas sobremaneira inerência dos agentes que ali se constituem. Esse comando para a ação do Estado e pelo Estado já ficou esclarecido desde o rompimento com a Igreja e suas dissidências, seja de qualquer matriz religiosa.

Para ilustrar a atualidade e a vivacidade da aproximação do campo religioso com o público-estatal, o caso do movimento Profetizando às Nações, com sede no Rio de Janeiro, apresenta oportunidade de compreender a projeção internacional do que é o Brasil em suas relações internacionais com Israel. Vídeos clipes gospel como *Efésios*, *Pavão, Pavãozinho* e *O que tua glória fez comigo* oferecem a oportunidade, quando analisados diacronicamente, de planificar como os discursos religiosos neopentecostais de apropriação dos afazeres do Estados são imputados pela via da musicalidade que não é inocente: mas que muito seduz públicos, formando o modelo ideal de um eu cidadão cristão que se confunde com um eu cidadão ativista por desenvolvimento do seu país. Na dúvida do que é ***ser cidadã*o**, a musicalidade cumpre o papel de dizer o que se é e como se deve viver e ver o mundo. Assim é a religião: na ausência de uma certeza do eu, ela cumpre o papel de conduzir, pela tutela, ou terceirização, a um *ethos* guiado e pressionado de um eu ideal. É como simplificar o processo de formação da identidade que tem por natureza a complexidade. E isso de forma inovadora. As batidas de tambor, por exemplo, sempre foram rechaçadas pelos evangélicos sob o medo de serem associadas às religiões de matriz africana, tal como se do mal fossem. No entanto, no lugar do uso do tambor como forma de abertura do corpo físico à recepção do espírito

No prelo

santo, em *Pavão, Pavãozinho,* inova-se ao usar o tambor e suas simbologias de forma adaptada, misturada com a naturalização de um evangelho do acúmulo de dinheiro, do uso da bandeira, mas também de roupas brancas e acompanhada da demonização do Estado corrupto. *Já em Efésios,* Nova Iorque aparece como a babilônia contemporânea onde o dinheiro é o pecado e a transgressão é a própria atividade política, que pouco é eficaz para implementar políticas de justiça social e econômica. Se neste videoclipe o Rio de Janeiro é lido como espaço suburbano da violência e da oportunidade de lucro, ao mesmo tempo, Israel, já em "*O que tua glória fez comigo",* apresenta-se como lugar da busca por cura às nações. Nas três produções audiovisuais, a combinação da batida, do texto, do figurino, do cenário e da entonação formam o que Antônio Manzatto chama de *sedução musical.* É mais convincente do que um texto ou uma pregação, justamente por combinar esses elementos a estar em movimento, dançante e encantador. Essa sedução, com forte papel agenciador, se faz presente em outras duas referências dos discursos pela musicalidade a confirmar, por exemplo, que Nova Iorque é o lugar dos sonhos materiais e simbólicos:

- ➔ Em *The From the New York* de Frank Sinatra quando ele afirma que seus sapatos vagabundos devem se preparar para explorar a selva de pedra de New York, é porque será ali no concreto que haverá o domínio espiritual do império do dinheiro e dos seus retornos mais imediatos proporcionados pela troca material.
- ➔ Em Autumn in the New York de Billie Holiday atribui semelhante vazão sobre haver sonhadores de mãos vazias (empty hands) mas com ideias pujantes para avançar em diferentes dimensões da vida social.

De certo, o lugar desenvolvido tem CEP: Nova Iorque. E o lugar que está em desenvolvimento também: Brasil. Essa atribuição de categorias aqui sob comparação, no âmbito da construção das políticas públicas balizadoras desses *status* de bem estar social e econômico, encontra-se ancorada em Israel. Um lugar Santo, cuja vocação é a oração, pela história global, para as nações mais e mais se tornarem pacíficas. Israel nos fornece uma outra visão de desenvolvimento: aquela em que há paz entre as nações. E o (neo)protestantismo atua exatamente nessa compreensão, porém de forma apropriada e reducionista dos mundos subjetivos.

Embora mundial e multiforme, o Brasil não se viu isento dos avanços dessa ordem religiosa estranhamente revisitada e adaptada por neopentecostais, de tal sorte que a tomada de poder

No prelo

desse grupo religioso permitiu ***chamados modernos*** a novos mundos pretensamente melhores traduzidos e sonhados nos objetivos das políticas públicas de desenvolvimento econômico e social (Kersbergen, 1995). Entretanto, não há na literatura conhecimento disponível sobre formas criativas de produção discursiva entre política e religião no contexto das políticas públicas sob a perspectiva da musicalidade inscrita nos textos de canções. O objetivo foi analisar o comportamento de apropriação desse construído ***mundo melhor*** pelos neopentecostais no contexto dos afazeres do Estado brasileiro quando da construção de políticas públicas. A análise é intercontinental situada entre Jerusalém (Israel/Ásia), Nova Iorque (Estados Unidos/América do Norte) e Rio de Janeiro (Brasil/América Latina).

Esping-Andersen, protestantismo e a relação do *politics* em políticas públicas

O elemento político (*politics*) (Fischer, 2003) e religioso (Minkenberg, 2002) é a natureza a permear a produção humana (Baumgartner & Jones, 1991) subjacente e inerentemente pertencente a todo o ciclo das políticas públicas (formulação, implementação e avaliação) na américa Látina (Smith, 1998). A distinção entre grupos religiosos pentecostal e neopentecostal, embora importante na teologia, ganha aqui uma nova visão. No lugar, compreendo que o mundo social, sob o prisma da cristologia, e na lente de semelhante sociologia pragmática, pôde ser dividido entre antes e depois das teses de Lutero. Essa divisão temporal, embora meramente didática, ainda se faz útil aos estudos comparativos entre a cristandade católica e protestante, que fez por gerar tradição e linhagens de estudos plurais (Minkenberg, 2002; Smith, 1998). Narrado por um passado de sacrifícios e dedicação ao trabalho de propagação do evangelho, o revisitar da história do cristianismo tem por reflexo e associação o sacrifício das cruzadas, atualizado, agora, como operada pelo pentecostais em viagens de avião (Camboja, Cabo Verde, Israel e Etiópia são alguns dos principais destinos) e hotel confortável, prenunciando configuração neopentecostal. Com roupas da moda que não são do *fast fashion*, mas do primor artesanal, a busca pela materialidade, imbricada na justificativa própria weberiana de justificação de si, se vê em si, contradita e repleta de conflitos entre o mundo real e o mundo espiritual. Logo, para fins desta pesquisa, fiz a opção de separar pentecostais (depois da defesa das teses de lutero) e neopentecostais (aumento progressivo de igrejas evangélicos entre 2010 e 2018) pelo critério da temporalidade e não pelo critério da mudança reformista do sistema de crenças e valores. O entremeio desses mundos, é o da lógica produtiva Estado-Igreja, que trouxe o sentido existencial das organizações religiosas, no seu sentido mais participativo nos processos da

produção social. Para Bielefeld e Cleveland (2013) a lógica é antes de tudo colaborativa. A questão é que para o *policy analysis* (Fischer, 2021), essa colaboração apresenta-se como uma oportunidade à compreensão de uma lógica organizacional específica do intercruzamento do campo da (Fischer, 2019) religião (Minkenberg, 2002; Smith, 1998) e do *public policy* (Bielefeld & Cleveland, 2013). A exemplo, relembro que o *Charitable Choice,* financiamento direto a organizações religiosas para o provimento dos serviços sociais direcionado a famílias necessitadas, que desde 1996, e mais tarde, em 2000, esteve voltado para temáticas dos auxílios em saúde. Não se tratou de um programa com chamado exclusivo a organizações protestantes, muito embora tenha sido esse tipo de organização mais contemplada em editais, mas uma forma organizacional de protagonismo da ação pública ou quase-pública. Uma das razões para explicar o protagonismo protestante, na visão de Manow (2004), tem sido o que se convencionou denominar por protestantismo reformado. Evidências de que a reforma protestante serviu de aprendizado para a manutenção dos ideais do cristianismo certamente são pujantes na literatura, porém pouco relacionada com o entendimento de ser na variável dos discursos a chave analítica para a compreensão de provimento coletivo de serviços públicos. No entanto, na compreensão dos processos de formulação e implementação de políticas públicas, em novo grau de participação para além de editais de financiamento, e partindo da elaboração de Gøsta Esping-Andersen de 1990 em "*The Three Worlds of Welfare Capitalism*", o principal alarmante tem sido o reducionismo da ligação entre religião e política pública, com a velha demarcação: antes e depois de Lutero. Para sobrepor com esse binarismo, Manow (2004) propõe olhar, de forma compartimentada, para o protestantismo por meio de regimes, adjetivados como " *The good, the bad, and the ugly*". A saber:

- ➔ *Regime social democrata:* enquadrado como bom por buscar paz e igualdade;
- ➔ *Regime liberal:* enquadrado como ruim por atribuir o mercado como ator central. Sendo o Estado atuante com correções (teste de meios) ao mercado. E encorajando o mercado na tentativa de desmercantilização dos direitos sociais (meio fio).
- ➔ *Regime continental-conservador:* enquadrado como feio (o autor usa o termo "*ugly*") porque é indeciso e repleto de incoerências entre flertar, e se casar, com o capitalismo, mantendo um rol de princípios conservadores. Também é feio como categoria analítica porque é um resíduo do liberal e social democrata, denotando reduzida precisão conceitual.

A fonte conservadora é a doutrina social católica (norte da Itália até a Holanda, e Grã-Bretanha e Suíça), também chamada de coração religioso da europa católica. Se para Manow (2004), Esping-Andersen ignora a posição anti-estado do protestantismo pós-1990, para resolver essa negligência, ele propõe separarmos o luteranismo, do protestantismo reformado e das correntes da igreja livre. São três mundos religiosos imbricados na lógica estatal que merecem investigações, metodologicamente, apartadas. O principal problema é tratar o protestantismo em sua relação com o catolicismo, esquecendo-se da subdivisão entre protestantismo luterano e reformado. Mesmo com a institucionalização do Partido Antirrevolucionário Calvinista (ARP) ortodoxo holandês, os resultados de governo na quadra de 1901 e 1940 falharam em desenvolver uma política social -ver Kersbergen (1995), provando que o protestantismo apresenta histórico de derrotas no provimento de direitos sociais fundamentais.

O protestantismo reformado "modificou e refratou a influência das variáveis explicativas convencionais, como a força da classe trabalhadora, o nível de desenvolvimento econômico e a força das instituições não majoritárias" (Manow, 2004, p.10), a exemplo da própria cultura religiosa protestante, pré e pós o luteranismo, revistadas pelo neopentecostalismo. Entre 1990 e 2000, Suíça, Canadá e Estados Unidos são enquadrados como países atrasados nas dimensões cronológica e econômica em dar cabo do estado de bem estar social (Morgan, 2002). Quanto mais maduro um Estado se torna, menor a influência da religião em seu desenvolvimento. A resistência de grupos que chamam para a demanda de gestão do Estado já prevista por Swaan (1988), não é uma novidade. É uma característica esperada (Bhaskar, 1979) quando se conclui que os comportamentos anti controle e anti estado se fazem presentes nas formas organizacionais de aproximação Religião-Estado, protagonizada por neopentecostais (2010 e 2018). Portanto, a pesquisa aproxima-se da teoria da secularização (Martin, 1978) quando prioriza comportamentos e atitudes de tomada e construção do *ethos* (Heidenheimer, 1983) pelo movimento da Igreja Profetizando às Nações, com um fazer na fase de formulação de políticas sociais e de desenvolvimento evidenciada por meio dos textos de canções presentes em videoclipes do gênero gospel. E isto por meio da variável dos discursos a reger a natureza do *politics* formativo em *public policy* (Minkenberg, 2002; Fischer, 2021) em articulação o conceito de sedução musical (Manzatto, 2019), explicado na próxima seção.

Considerações teórico-metodológicas

Fundamentada nos *Critical Discourse Studies*, a metodologia da *Critical Discourse Analysis* proposta por Fairclough na obra *Social Change,* e mais tarde organizada em Fairclough e Sayer (2004), foi operada de modo que aos autores asseguram a validação da perspectiva realista crítica de Bhaskar (1975;1979) com os *Critical Discourse Studies* (Vincent & Mahoney, 2018). E que se viu aderente ao exame dos processos políticos quando transplantada pela *argumentative turn* de Fischer (2021) ao estudo de grupos religiosos (Morgan, 2002). Tais correntes epistemológicas, e ao mesmo tempo paradigmáticas, são incorporadas na análise de três videoclipes do gênero musical gospel cuja produção e reprodução compõem uma indústria fonográfica neopentecostal fortalecida enquanto nicho de negócios. Com o objetivo de ilustrar a presença dos neopentecostais no provimento de políticas públicas de desenvolvimento social e econômico, elegeu-se o movimento da Igreja Profetizando às Nações. Que iniciado no Rio de Janeiro por uma frente protagonista de militância religiosa, o movimento enquadra-se no neopentecostalismo à medida que reivindica a teologia da prosperidade em conjunto com uma visão reformada das relações internacionais entre Brasil e Israel. E isto de modo favorável, e ao mesmo tempo conflituoso, com o capitalismo. O movimento tem atuação mais pujante entre 2010 e 2018, daí de os videos clipes terem sido analisados diacronicamente e organizados neste interstício.

Temporalidades envolvidas e videoclipes selecionados: 10 de maio de 2011 (*Pavão, Pavãozinho)*; 23 de julho de 2015 (*O que tua glória fez comigo)*; 21 de março de 2017 (*Efésios)*.

As controvérsias e inconsistências organizam resultados de pesquisa tratados como esperados e nada inovadores. Por essa razão, em alinhando essa pressuposição, e em busca da inovação metodológica, a escolha pela análise de videoclipes justifica-se pela forma de mostrar discursos ocultos ou até mesmo excertos, por meio dos textos das canções, que há assunções repletas de significados que podem apresentar aleatoriedade em primeira análise, mas que guardam oportunidade de comprovar a atualidade de que o movimento neopentecostal não se resume em discursos manifestos em cultos religiosos ou até mesmo em sessões plenárias da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Os videoclipes selecionados foram produzidos por esse movimento religioso e guardam como transversalidade um construto do que é o Estado e do que se vê como representação do nacionalismo a ser reforçado em políticas públicas (Minkenberg, 2002) de desenvolvimento social e econômico (Pavolini, Béland & Jawad, 2017).

O conceito de sedução musical é a união dos sentidos humanos da visão (imagens em movimento), som e representação social (e previsão do modo como os indivíduos se identificam com a produção audiovisual. Neste caso, a música tem um utilitarismo de ativar emoções. E não pelo mero sentir, mas pelo seduzir e convencer o ouvinte a ser adepto ao movimento religioso (Manzatto, 2019). "A análise de uma canção não pode contemplar exclusivamente a letra que se canta, mas também deve referir-se à sua melodia, e para sua análise é necessário um instrumental adequado" (Manzatto, 2019, p.15). O instrumental adequado recomendado pelo autor é articulação entre a cristologia e a literatura, com foco na textualidade, na perspectiva de Fairclough (1992) e na compatibilidade com a episteme de Bhaskar (1979) sobre a produção de conhecimento antes de ser social ser também parcial. Por essa razão, este artigo explorou a interdiscursividade em conjunto com a intertextualidade com resgate dessa recomendação em Fairclough e Sayer (2004). O entendimento é o de estar na textualidade, o conjunto comprobatório dos fenômenos de produção social que não são meramente postos como entretenimento, mas recursividade política a estruturar a realidade. A análise textual, embora pertencente originalmente à tradição francesa de análise dos discursos, tem se apresentado último ao resgate dos elementos visíveis em montanhas de dados coletados. Com o objetivo de inovar, a interdiscursividade é trabalhada de modo a apontar a relação, entre as três produções audiovisuais, uma linha coesa de defesa do Estado-Igreja provedor, com pressuposto de haver defesa positiva desta última.

Os dados (imagens, letras e escuta atenta do conjunto vídeo-letra) dos três videoclipes foram aglutinados, formando uma espécie de universo semelhante de assunto. Essa aglutinação diacrônica "[...]é uma forma de explicar a influência do contexto de produção de texto em um discurso" (Scholz, 2019, p. 131). Ao assim ter sido feito, atores foram conhecidos e suas distintas maneiras de se referir aos acontecimentos e atos do presente referente foram acessados quando dos dados abertos (todos disponíveis no Youtube). A análise discursiva encontrou nos três materiais o mesmo nível ontológico da linguagem: o *ethos* religioso a serviço de um papel social em crítica aos institutos oficiais do governo e do Estado. Esse tipo de consideração "[...] é necessári[a] porque queremos ter certeza de que nosso aparato metódico compara características do uso da linguagem no mesmo nível ontológico" (Scholz, 2019, p. 130) e temporal. Na prática, a aglutinação requereu o particionamento dos dados a partir do recurso "pausa", que gerou imagens que não puderam ser compartilhadas aqui em função do direito autoral. Partes dos textos das canções são resgatados na seção de análise dos resultados.

Análise dos resultados

Três episódios comunicativos estiveram a fundar a dimensão analítica intercontinental da noção desenvolvimentista balizada pela religião protestante: o episódio 1, com a produção audiovisual de "*Pavão, Pavãozinh*o" (com retratação da comunidade do Rio de Janeiro); o episódio 2, com "*O que tua glória fez comigo*" (om retratação de Israel enquanto lugar a oferecer soluções espirituais para países em desenvolvimento) e o episódio 3, com "*Efésios*" (com a representação de Nova Iorque enquanto lugar da referência do que é ser desenvolvido). O argumento deste artigo está estruturado, portanto, em três partes correspondentes a esses três episódios comunicativos do discurso de desenvolvimento protestante.

Parte 1, episódio 1: "Pavão, Pavãozinho", uma brasilidade carioca estereotipada

Este episódio se explica a partir da noção de um novo governo, religioso, traduzido com o surgimento de atores não convencionais: diplomatas da nação, *designers*, formuladores e implementadores de políticas públicas (Minkenberg, 2002) de desenvolvimento social (Morgan, 2002). Porém, na figura de cantores gospel a levantar as pautas da credibilidade institucional, do envelhecimento populacional e dos direitos humanos, na forma da política de restrição de liberdade adotada pelo Poder Judiciário do Brasil. Essa ficção religiosa, na perspectiva do ator, de tanto ser contada e cantada, ganha corpo na realidade da gestão pública pela via da política (*politics*) e dos processos formais eleitorais. Se antes a Missa de Mozart tenha sido a trilha sonora das explícitas intervenções da Igreja no Estado, de modo atualizado, é com a música gospel que esses processos ficcionais de representação simbólicos dos atores responsáveis pela formulação e implementação de políticas públicas são romantizados de tal sorte a ganhar vida material e objetiva em cargos políticos. Só que menor primor artístico e mais político no sentido do "verbo mais aberto". Uma particular significação possível pelo exame do texto de canção de *"Pavão, Pavãozinho"*, contextualizada, pôde ser aferida pela distinção o real e real conceitual. A saber:

REAL	REAL CONCEITUAL
DITO [+]	NÃO-DITO [-]
[1] É a hora da bondade dominar	É a hora da maldade dominar[-1]
[2]É, é a hora de crer mais nos tribunais	é a hora de crer menos nos tribunais [-2]
[3]De exorcizar o mofo das prisões	De aprisionar o mofo endemoniado [-3]

[4]De ver nossos velhinhos a cantar De deixar de ver nossos velhinhos a cantar[-4]

Na cristologia, os tópicos -1, -2, -3 e -4 dos conceitos reais não-ditos, forma o que é a história do cristianismo: a busca pela bondade, pela confiança, pelo exorcismo dos endemoninhados e pela plenitude na idade mais avançada. A política de cuidado aos idosos, com a temática do envelhecimento da população, traz em conjunto ritmado na canção, articulação com a postura de indignação com um poder Judiciário de reduzida deferência junto a seu público interessado (cidadãos, supostamente, a que se dirige o discurso religioso do videoclipe). Essa força, a pedido, para atuar nos negócios do Estado, conformou o que a literatura já chama de "força das instituições não majoritárias" (Manow, 2004, p.10). Essa característica identificada no dado reforça o enquadramento do conceito da Igreja Profetizando às Nações a um *regime social democrata* (Manow, 2004): enquadrado como bom por buscar paz e igualdade. No entanto, incoerente e inconsistente (*ugly*) quando analisados os episódios 2 e 3, conforme trago nos próximos parágrafos.

Parte 2, episódio 2: O episódio 2, com "O que tua glória fez comigo" (Israel)

Neste episódio, o videoclipe faz recorrente uso da bandeira do Brasil em gesto de oração. A bandeira constitui-se pelo espírito do símbolo (como estratégia de materialização), que ao funcionar, molda a essência do que de fato mais tarde se denomina de esfera pública pautada pelo pertencimento, valorização e especialmente pela proteção do grupo. Essas são máximas conceituais que ganharam fôlego na Teoria Geral do Estado, com substancial zelo, e popular alarde, da noção de povos ligados a um território pelo símbolo da bandeira. É com esse suporte imagético que se vê acompanhado o controle dos significados que se pode ter da bandeira: a funcionar pela restrição dos sentidos que importam a um ideal conservador. E neste caso aplicado, este conjunto de ideais é necessariamente protestante. É como ignorar o princípio da pluralidade dos povos em subjugação, dando destaque a um único povo: o de colônia pentecostal. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais poucos estudos tiveram êxito na consecução de um claro percurso da estruturação protestante pós-lutero. Porque ao cabo, a matriz cristã-protestante já havia dado largada em processos hierarquizantes dos ideais religiosos e nacionalistas tal como se fez na administração napoleônica que elevou os franceses a um conjunto de normas e modelos de ser superiores aos modelos tidos como "o resto do mundo". Assim, embora o legado de Bonaparte tenha silenciado os ingleses e marcado diferenças culturais e políticas, para além dos interesses materiais e econômicos

entre portugueses e os espanhóis, os pentecostais e neopentecostais atuaram, pelo instituto da oração pelas nações, no bloqueio continental de quem pode de fato resolver as mazelas sociais, pela via do amor religioso ao país. Essa é uma forma conflituosa de olhar para a gestão pública porque desconsidera a configuração de um Estado apartado das peculiaridades vivienciais religiosas, rebaixando, pela forma do silenciamento e da não menção apreciativa, assunções hinduístas e até mesmo considerações a um trato mais ateísta. Se por um lado o fundamento ontológico do hinduísmo, na crescente dos vedantas, e do interior do Nepal, não seja o de concluir verdades, ele também não parte para uma massificação, ao *modus* evangelizador, desse fundamento. Mas se funda especialmente na valorização de um conhecimento do *eu-conhecedor* daquilo que faz bem ou não para si. Assim como semelhante ocorre no ateísmo: não vê estratégias de captação de recursos e "fiéis" aos ideais anti teístas ou simplesmente ateístas. Ocorre que na perspectiva particular protestante, o sentimento de estrutura cognitiva é o que move as conquistas expansionistas da fé, em prosperidade. Em primeiro momento, isto ocorre mais ao tom quantitativo, para depois, se fundar nas restrições comportamentais de cunho mais qualitativo, digo. A prévia existencial e acional a justificar as missões internacionais, por exemplo, assim como as missões napoleônicas, precisam ser financiadas. Por isso a ida financiada de líderes (Minkenberg, 2002) e cantores gospel a diferentes partes do mundo, ocorre pela construção de um *ethos* de herói a serviço da oração pelas nações. É como um cargo de diplomacia, só que religioso (Smith, 1998) e sem concurso público ou qualquer formalidade. Requer principalmente capital social. Sob esse prisma, os videoclipes analisados passam a atuar como na estruturação social como uma espécie de relatório de transparência aos fiéis de que algo está sendo feito: a cantora está indignada, está a orar, está a chorar sobre a bandeira e está a cumprir com seu ofício de ser usada por Deus para melhor formular e implementar a política pública nacionalista e internacionalista de desenvolvimento cristão. E isto em pedido à Israel como se categoria humana e espiritual fosse. Embutido nesse fazer está a noção de controle da política pública, a Igreja, que se vê firme pelo discurso da não ação do Estado (com usos "É hora do Senado acordar", Pavão Pavãozinho). Essa configuração pressupõe vigilante criticidade a governos progressistas. No entanto, se a temporalidade do material é de 2015, não é novo afirmar que a apropriação da bandeira do Brasil como signo a dar suporte a esse controle surgiu apenas em 2018 com a eleição de Jair Messias Bolsonaro, ex-deputado, eleito preponderantemente por fiéis pentecostais.

O episódio 3: Efésios e o lugar desenvolvido, Nova Iorque.

A começar por Nova Iorque, relembro ser aquela cultura o agregado do *jazz*, advindo, dentre outros locais, de Louisiana, New Orleans, Estados Unidos. A principal manifestação, na figura dos Menestréis, se via pela tradução da linguagem de permanência e exposição do valor imaterial humano, com o pintar do rosto, imprimindo na forma de deboche e fazer caricato, postura contra-signos daqueles que insistiam em hierarquizar culturas (modos de ser, estar e ver o mundo) como importantes e menos importantes ou até mesmo inexistentes face a uma existência notadamente material. Que aqui fiz a opção metodológica de a não denominar como culturas dissidentes ou marginalizadas. Mas tão somente como culturas. *Congo Square* em New Orleans, em 1800, já com a restrição de os escravos se reunirem na praça para musicalizar suas respectivas espiritualidades somente até o pôr do sol, representa a construção espacial de acontecimento público da cultura musical africana. Falar de Nova Iorque, com associação imediata ao capitalismo, ainda que por uma opção de recorte temporal pós-revolução industrial e da quebra da Bolsa de Valores em 1929, representa não somente uma redução da história cultural do espaço nova iorquino como também atua, e neste caso, por opção reducionista consciente, violentamente às ontologias categoriais de existência e valor humano das humanidades que ali se fizeram orgânicas. Logo, na produção de *Efésios* temos Nova Iorque representada por edifícios espelhados, cromatizados pelo cinza e acrescidos em intimidação por meio do império da arquitetura não somente futurista, mas sobremaneira considerada *locus* dos *alpha*. Ser um humano *betha*, é concluir, por lógica hierárquica, posição secundária no avanço das excipientes humanas: bem viver, bem ver (acesso às vistas e paisagens privilegiadas), bem sentir (o vento, o andar alto e o silêncio) e bem se concluir sucedido na sistêmica social. Essa busca material, revelada como real após estudos weberianos (Ringer, 2000), se vê, em atualização, musicalizada por um crítica gospel, que mais se confunde e se move, por contradição, do que de fato entrega uma virada espiritual (*spiritual turn*) de novas ordens sociais pautadas pela consciência coletiva, compêndio caro às políticas públicas de desenvolvimento econômico pretensamente sustentáveis. Caro porque se faz necessário o exame minucioso, não configurado por prévias conceituais, mas afeito a uma real estratificação ontológica. Ver Bhaskar (1975). Usei o termo *spiritual turn* por remeter a uma necessária epistemologia que considera a ontologia uma potente fonte para uma releitura da realidade. E aqui faço uso por conta do caráter imperial a que se apresenta os conhecimentos cristãos inscritos na crítica gospel. É como pensarmos que o conhecimento religioso ganhou relevo e *status* de conhecimento científico na construção de

No prelo

políticas públicas. Esse debate pode ser ampliado com os conceitos de verdade e pós-verdade. Para tanto, ver Fischer (2021).

A ação de repulsa ao acúmulo do dinheiro, fenômeno produto do desencantamento do mundo weberiano, se vê representada pela reconstrução (Ringer, 2000) do que chamo de neopaganismo (Minkenberg, 2002). Se antes falava-se em indulgências, prática de compra da salvação, ou recursividade material de acesso ao mundo metafísico pelo suporte do comércio mundano, agora se fala da repulsa ao fiel comprador das isenções das consequências pecaminosas do capitalismo: o acúmulo. Na visão dita mundana (Martin, 1978), funciona como uma lógica de apreciação ultra negativa do entre-viver no mundo e na Igreja. É uma forma de liminaridade (Morgan, 2002), meio termo, ou, se preferirmos outra expressão, "não sei se vou ou se fico". A crítica evangelizadora é sempre traduzida a uma conclusão do "*venha para o nosso lado, o lado do bem*". Fundando uma doxa. Entretanto, o início da contradição se vê processado quando o acúmulo do dinheiro deixa de ser pecado, a depender do uso tutelado dele. É reconhecer o novo avanço do protestantismo na discricionariedade quanto ao correto uso do dinheiro, e neste caso, extenso ao uso dos recursos públicos. Usar dinheiro para reduzir as pessoas não é bem-visto, mas para andar de carros de luxo, ou se hospedar em hotéis 6 estrelas a bem da contemplação da graça divina, naturalizou-se na forma de uma revigorada busca pela salvação adepta ao consumo. É uma contradição entre a apatia social, empatia seletiva e a conveniência de ser samaritano quando se é requerido. A postura de negação, e força resistente da Igreja, são formas de mostrar a repulsa pelo acúmulo e a venda do perdão quando resgatamos a lógica pecaminosa.

Reforçando a relação Rio de Janeiro, Israel e Nova Iorque a partir das evidências no texto de canção

Enquanto o episódio 3 traz a particularidade do local (comunidade do Rio de Janeiro) e da ação (violência ao corpo da egrégora, da Igreja) em conjunto com a referência de desenvolvimento e contradição, aos moldes da cultura de consumo nova iorquina, o episódio 2 trouxe a referência a Israel. Em todos os materiais, a noiva de Cristo são os corpos tutelados a receber a denominação de Igreja. A analogia a uma noiva tem o sentido de concluir que Jesus voltará para se casar com sua noiva, a Igreja, contemplando um encontro espiritual e físico com todo esse corpo. A espera por esse casamento é recorrentemente anunciada e monitorada a partir de presságios episodicamente confirmados por eventos da natureza: se

No prelo

terremotos acontecem, conclui-se que Jesus está a voltar e que a noiva está ansiosa aguardando o casamento. Essa interpretação dos eventos da natureza é, portanto, uma forma de atribuir culpa a governos por apatia social e indiferença quanto ao sofrimento humano. E que se vê problematizado com o conceito de ordem de atribuição aos problemas públicos. Pois enquanto a Igreja se mostra preocupada com causas humanas e sociais, o governo se vê reduzido a seduzir e se deixar ser seduzido pela contemplação material dos agentes políticos: nepotismo cruzados e anatômico e práticas *for english to see* (Caldas & Wood, 1971; Irigaray, Celano, Fontoura & Maher, 2021). Emergindo neste contexto, uma Igreja, agora institucionalizada, com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica, CNPJ, pronta para tomar para si a função de formuladora de políticas públicas de desenvolvimento social e econômico pretensamente mais fiéis ao nacionalismo. Entretanto, o discurso, já em sua fase cristalina, reconduz a cognição social a concluir que mesmo tendo este nobre ofício, a Igreja tem sido atacada. E esse ataque consta representado no sangue a manchar o vestido da noiva, indicando dupla violência corpórea: física, porque cristãos estão a morrer em missões internacionais, e espiritual, porque se visa interromper o acontecer de um grande evento, o casamento de Cristo. Ligando o ***local com a ação***, podemos ter outra interpretação: a de que a violência física é extensa não somente aos cristãos em missões internacionais, mas também a violência no Rio de Janeiro enquanto forte signo de um território dono da violência. Assim como se associa a cidade de São Paulo à imponência dos prédios e as mazelas do trânsito (assaltos e acidentes, sobretudo), se associa o Rio de Janeiro à violência e sangue, aos modos mais brutais (balas, tiroteios, assaltos cruéis etc).

O cenário de sangue e ao lado da bandeira do Brasil com alternância para sangue e bandeira do Partido dos Trabalhadores (PT), sob a identificação do número 13, representa uma forma distinta de atribuir culpa a governos pelas mazelas sociais. O contexto de justificativa da ação é facilmente identificável: a igreja estar sendo perseguida. Enquanto no episódio 2 e 3 critica-se a morte de cristãos em função do seu propósito propagador do evangelho, por outro, o movimento religioso analisado se vê na chamada a reverter essa situação. Por isso de continuar as missões internacionais. A missionária protagonista do episódio ora no muro das lamentações como forma de pedir socorro espiritual para o governo brasileiro. Dois são atos comunicativos, musicalizados pelo texto da canção, a ilustrar a atuação dos pentecostais nos processos de formulação e avaliação das políticas públicas de desenvolvimento econômico e social (Segurança e Alimentação). No ato 1, ocorre a construção do eu-inquieto e inconformado com o mundo tal como ele se apresenta. Essa construção se dá com oito

No prelo

excertos, devidamente cadentes e persuasivos pelo instituto do *ethos* inquieto e da ação de preparo e reatividade.

*[1] **Eu** não posso me calar e assumir*
*[2] As consequências desse amor seja **onde for***
*[3] **Me** entregar como Ele se entregou*
[4]Mártir do amor
*[5]Roma, Babilônia, o Rei está volt**ando***
*[6]O sangue dos justos ainda está clam**ando***
*[7]Roma, Babilônia, o Rei está volt**ando***
*[8]E a Noiva do Cristo está se prepar**ando***

Os verbos estruturantes da ação "voltar, chamar e preparar" atuaram na construção do eu-protestante, cuja cadência do argumento conclui que algo precisa ser feito em favor da Igreja. E no Ato 2, há a dúbia construção discursiva entre "adorar" porque Jesus está a "voltar":

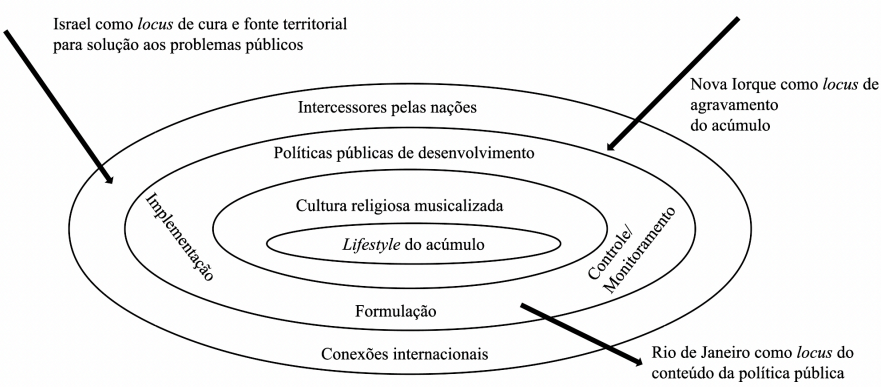
[1] Adorar a Cristo seja em liberdade ou prisões
…
[2] Rio, Nova Iorque, o Rei está voltando

Identificou-se aqui a dubiedade sobre a vida de Nova Iorque ser uma liberdade por justamente proporcionar facilidades da vida (transporte urbano, acesso à cultura, múltiplas possibilidades de consumo etc) que levam a um afastamento do indivíduo com o grupo (igreja). E por outro lado, o questionamento dessa liberdade não ser propriamente dita uma prisão ao materialismo. Essa crítica rasa é a própria fonte do potente argumento de orar pelas nações criticando o governo e naturalizando a noção do que é ser desenvolvido: ter poder de compra ao ponto de comprar também indulgências.

Considerações finais

Todo esse conjunto de análises confluem para o argumento de que há uma interdiscursividade entre os três locais: Brasil, Nova Iorque e Israel, que para ilustração, com auxílio da metáfora da cebola, encontra-se sintetizado na Figura 1, repleta de quatro camadas.

Figura 1. Interdiscursividade do domínio religioso com o *public policy*



Fonte: elaborado pelo autor.

Lendo a Figura 1 "de dentro pra fora", a metáfora da cebola nos permite compreender que o *lifestyle* do acúmulo, ideário capitalista, se vê, num primeiro momento, alvo de uma crítica cristã pentecostal avessa ao consumo e ao uso do dinheiro como fonte de trocas por indulgências (uso recorrente de dólares pregados no vestido da noiva de cristo, por exemplo). Essa dimensão se conectou com a camada das políticas de desenvolvimento a medida, pela via da musicalidade, com o objetivo de reconceituar o processo de formulação criticando a implementação ineficaz das políticas de combate ao crime (com referência à cidade do Rio de Janeiro) e a distribuição de riqueza entre os povos. Em camada mais abrangente mas igualmente articulada dos argumentos engenhosos (apelo ao signo da bandeira, do nacionalismo, do discurso da paz mundial, do Estado seguro etc), o discurso das missões, apropriado pelo movimento Profetizando as Nações, se vê, agora, num ambiente internacional onde a paz entre as nações é pregada sob o instituto de um Brasil em desenvolvimento mas com problemas estruturais de ordem basilar: fome, violência e desconfiança nas instituições (Poder Judiciário e Congresso Nacional).

Por fim, considera-se que a análise diacrônica dos discursos (por meio dos três episódios comunicativos dos videoclipes) permitiu compreender a engenhosidade dos argumentos pentecostais que transitam, a depender da camada da cebola representada na Figura 1, pelos regimes de propostos por Manow (2004) em sua crítica à Esping-Andersen.

- ➔ *Regime social democrata:* discursos sobre a paz entre as nações remetendo ao fazer da oração pelas nações doentes (patologias sociais)
- ➔ *Regime liberal:* quando critica o consumo, mas se vê inserido nele próprio ao dar vazão à própria teologia da prosperidade

No prelo

➔ *Regime continental-conservador: quando* é indeciso e repleto de incoerências entre flertar, e se casar, com o capitalismo, mantendo um rol de princípios conservadores sobre os comportamentos cristaos e de acúmulo e ética cristã.

Em complemento, a pesquisa sugere que a natureza (Figura 1) do *politics a formar* o *public policy* (Fischer, 2021) de desenvolvimento econômico e social se vê também representada na noção de níveis de desenvolvimento, especialmente com resgate ao movimento trabalhista, o nível de industrialização e as características constitucionais de cada país. As conexões internacionais da Figura 1 exemplifica o movimento de secularização (Martin, 1978) travestida de crítica inconsciente, mas que no fim, é adepta ao consumo.

Referências

Baumgartner, F. R. & Jones , B. D. (1991). Agenda Dynamics and Policy Subsystems. *Journal of Politics*, 53(4), 1044-74.

Bhaskar, R. (1975). *A realist theory of science*. Leeds, Leeds Books.

Bhaskar, R (1979) *The Possibility of Naturalism*, Hassocks: Harvester

Caldas M. P., Wood T. Jr. (1997). 'For the English to See': The Importation of Managerial Technology in Late 20th-Century Brazil', *Organization* 4(4): 517–34.

Fairclough, N., & Sayer, A. (2004). *Critical realism and semologic*. In J. M. Roberts & J. Joseph, *Realism, discourse and deconstruction*, 23-42. London: Routledge.

Fairclough, N. (1992). Intertextuality in Critical Discourse Analysis, *Linguistics and Education*, 269-293.

Fischer, F. (2003). *Reframing Public Policy:* Discursive Politics and Deliberative Practices. Oxford: Oxford University Press.

Heidenheimer, A. J. (1983). Secularization Patterns and the westward Spread of the Welfare State, 1883-1983. Two Dialogues about how and why Britain, the Netherlands, and the United States have differed. In: Richard F. Tomasson (Ed.): The Welfare State 1883-1983 (Comparative Social Research, Vol. 6). London: JAI Press, 3-38.

Irigaray, H.; Celano, A.; Fontoura, Y.; Maher, R. (2021). Resisting by re-existing in the workplace: A decolonial perspective through the Brazilian adage “For the English to See”, *Organization*, 28(5).

Kersbergen, V. (1995). *Social Capitalism*. A Study of Christian Democracy and the Welfare State. London: Routledge.

Pavolini, E., Béland, D., & Jawad, R. (2017). Mapping the relationship between religion and social policy. *Journal of International and Comparative Social Policy*, 33(3), 240-260. https://doi.org/10.1080/21699763.2017.1363801

Ringer, Fritz K. (2000). *Max Weber's Methodology: the Unification of the Cultural and Social Sciences*, Cambridge, MA: Harvard University Press.

Segatto, C. I., Alves, M. A., & Pineda, A. (2022). *Populism and religion in Brazil:* The view from education policy. Social Policy and Society, 21(4), 560-574. https://doi.org/10.1017/S147474642100004X

Smith, B. H. (1998). *Religious politics in Latin America, Pentecostal vs. Catholic*. University of Notre Dame Press.

Swaan, A. (1988). *In Care of the State:* Health Care, Education, and Welfare in Europe and the USA in the Modern Era. Cambridge: Polity Press.

Manow, P. (2004). *The good, the bad, and the ugly:* Esping-Andersen's regime typology and the religious roots of the Western welfare state, MPIfG working paper, No. 04/3, http://hdl.handle.net/10419/44286

Martin, D. (1978). *A General Theory of Secularization*. Oxford: Blackwell.

Minkenberg, M. (2002). Religion and Public Policy: Institutional, Cultural, and Political Impact on the Shaping of Abortion Policies in Western Democracies, *Comparative Politics Studies*, 35(2). https://doi.org/10.1177/0010414002035002004

Morgan, K. J. (2002). *Forging the Frontiers between State, Church and Family:* Religious Cleavages and the Origins of Early Childhood Education in France, Sweden, and Germany. In: Politics & Society 30(1), 113-148.

Toniol, R. (2022). *Espiritualidade incorporada:* Pesquisas médicas, usos clínicos e políticas públicas na legitimação da espiritualidade como fator de saúde. Editora Zouk.

Vincent, S. & Mahoney, J. (2018). *Realismo crítico e pesquisa qualitativa:* uma visão geral introdutória, 201-216.

No prelo